GILLETTE & L'ORÉAL, WOMEN USA

VOL. II

Florida • Georgia • Hawaii • Idaho • Illinois • Indiana • Iowa • Kansas



GILLETTE & L'ORÉAL, WOMEN USA — VOL. II

L'ORÉAL THROUGH GILLETTE · 04

Flórida, Geórgia, Havaí, Idaho, Illinois, Indiana, Iowa, Kansas. A segunda etapa da travessia americana; o prólogo ártico comum é mantido aqui na íntegra, recolhido para quem lê a série em sequência.

Capítulo Zero — abertura comum

Este capítulo de abertura é comum aos seis volumes de Mulheres dos Estados Unidos. Está reproduzido aqui na íntegra, e recolhido para que a série possa ser lida em sequência sem repetições.

CAPÍTULO ZERO

Aqui, o mundo não é um território: é um limite. O Polo Norte não acolhe, não perdoa, não deixa margem para o erro. O branco reina como uma entidade absoluta, silenciosa e sem memória. A temperatura não é um dado meteorológico: é um predador. A noite dura meses, esmaga os pensamentos, distorce os contornos das pessoas, engole a vontade delas.

As comunidades são poucas, pequenas e fechadas. Inuítes, yupiks, povos árticos vivem onde ninguém escolheria ficar. Aqui, cada indivíduo é essencial para a sobrevivência do grupo. Se você não é útil, vira um fardo. E quem vira fardo desaparece no silêncio, na neve, na lógica de um ambiente que não faz concessões.

As bases científicas acrescentam outro tipo de frio: o das hierarquias. Aqui, uma mulher é uma presença rara, uma anomalia que precisa se adaptar ou sucumbir.

Neste lugar, o conceito de “desaparecimento” não existe. Existe só o branco que apaga tudo.

Mulheres inuítes e yupiks

A menina ártica não é mimada: é preparada. Aprende cedo a resistir ao frio, à escuridão e à fome. Precisa se tornar útil para o clã, porque aqui a identidade não é pessoal. É funcional. A mulher carrega o peso da família e da comunidade: comida, fogo, filhos, peles, cuidados. Ninguém fala de direitos. Ninguém fala de fragilidade. A depressão existe, mas não tem nome. A violência existe, mas não tem testemunhas.

A mulher das bases científicas

Instruída, competente, acostumada à disciplina. Chega como pesquisadora, técnica e médica. Descobre logo que o Polo Norte não reconhece diplomas. Aqui, só conta a dureza mental. As hierarquias masculinas a dominam, e qualquer sinal de fraqueza é interpretado como fraqueza. É um ambiente onde a força não basta: exige-se um autocontrole extremo.

A mulher ocidental “de fora”

Criada em liberdade, chega achando que pode vencer o frio. Mas o lugar a quebra: solidão, espaços minúsculos, silêncios sem fim. As bases não são comunidades, são mecanismos. E uma mulher, dentro de um mecanismo projetado por homens, precisa lutar para não desaparecer.

A viagem até o fim do mundo

Meu vizinho, Antonio, conhecido como Nino, falava havia anos do Cabo Norte, do sol da meia-noite, dos meses sem escuridão. Era um sonho que ele guardava no bolso, como uma coisa impossível. Numa manhã de maio, toquei a campainha dele e disse só isto: "Faça a mala. Volto daqui a uma hora. Estaremos de volta em 30 dias." Ele me olhou, surpreso, feliz. A mulher dele, preocupada, perguntou quais eram os nossos planos. "Correr atrás de um sonho", respondi.

Entramos no carro. Nossas mulheres nos olhavam como se fôssemos loucos. Mas esta viagem era real. Nino já estava cheio de perguntas. "Para onde vamos? Quanto dinheiro devo levar?" "Relaxe", eu lhe disse. "Chegamos em 54 horas. Só 5.000 km. Estamos no Range Rover novo. Aproveite a viagem."

A cada 300 km eu tinha que parar: ele, doze anos mais velho que eu, tinha o seu próprio ritmo. Eu tinha água e líquidos; ele tinha café e necessidades físicas. E quanto mais avançávamos, mais ele falava da sua vida. Coisas que eu nunca teria sabido se não fosse aquela estrada sem fim.

Dois homens sozinhos num carro falando sempre de mulheres. Ele só tinha conhecido a esposa. Eu ri. Eu o tranquilizei: "Nós somos do mesmo jeito."

Ele me perguntou como eu conseguia continuar lúcido dirigindo 60 horas. Contei a ele sobre a Rússia, quando aos 22 anos dirigi 51 horas para encontrar uma mulher que eu nunca tinha visto. "As distâncias não são limites", eu lhe disse, "são desculpas. Eu nunca tive nenhuma."

A chegada ao branco

Entramos na Noruega. Um albergue na estrada. Deixaríamos o carro ali e seguiríamos de trenó.

A guia estava toda coberta, impenetrável. Quando tirou os óculos, descobri que era uma mulher. Uma norueguesa, calada, direta, glacial. Nino no meio do trenó, ela na frente, eu com meus 190 cm atrás, fechando a fila.

Ainda era dia. O relógio marcava a hora, mas não me dizia se era noite ou manhã. Era o sol da meia-noite. Tínhamos chegado ao Cabo Norte.

Nino chorou. Me abraçou. Eu lhe disse, rindo: “Cuidado… o pessoal pode achar que somos gays.” Rimos, mas estávamos no fim do mundo.

Depois veio o gelo: –52 °C.

A entrada no verdadeiro Ártico

Nos levaram a um contêiner de metal para trocar de roupa. Macacões pesadíssimos, acolchoados, fechados com zíperes complicados.

Paguei pela guia. Nino ficou num iglu com alguns homens; eu fiquei em outro com uma família: um velho, entre 70 e 80 anos, e três mulheres entre 30 e 50.

Era um mundo fechado. Simples. Brutal.

O homem ficava de lado. As mulheres davam o ritmo. E o banheiro era um morrinho a cinco metros do iglu: o cocô congelava antes de tocar o chão. Meu primeiro xixi virou uma estrela ártica amarela. Era o Norte me cumprimentando.

A mulher de meia-idade, Magi, falava um pouco de inglês. O resto eram gestos, olhos, mãos. A língua do frio.

Quando eu não sabia direito como usar o macacão, ela, sem pensar, tocou minha virilha para me mostrar um zíper escondido. Não havia malícia, nem constrangimento: só função. Sobrevivência.

Os três dias no iglu

Trouxeram comida. Peixe defumado, peixe cru, fígado de bacalhau, barriga de baleia. E bolinhas de tubarão. Não havia escolha. Não havia alternativa. Era o que a natureza oferece.

Depois bebi: um líquido vermelho. Achei que era vinho. Era sangue de baleia filtrado, fervido, adoçado. Bebi. Me deu uma força que eu nunca tinha sentido. Uma energia primordial. Achei que era cocaína. Não. Era o Norte entrando no corpo.

As mulheres me observavam. O velho saía para caçar. Eu descansava e bebia sangue. Três dias sem telefone, internet, computador, sem Nino. Só eu e elas.

Não havia noite. Só luz, fogo, gelo e respiração.

As três mulheres se deitaram para dormir. Procurei um lugar. A mais nova levantou o braço e me fez sinal para chegar mais perto. Elas caíram na risada. Eu não entendi. Disseram que eu era o "Natal" delas.

Um jeito de dizer que eu tinha sido aceito.

Tentei dar a elas algum dinheiro para agradecer. Recusaram. Só queriam um abraço. E algumas palavras em calabrês para se sentirem mais perto.

Ali entendi o valor dos verdadeiros presentes: os que não se compram nem se vendem.

A despedida da guia

Depois de três dias, a guia chegou. Falou com as três mulheres durante uma hora. Eu estava lá fora. Não entendia o que diziam. Não era da minha conta. Era a língua delas, o mundo delas, a lei delas.

No contêiner, enquanto eu me despia, a guia entrou. Curiosa. Direta. Nórdica. Me abraçou com força. Me beijou. A pele dela era branca como leite. Os olhos, azuis como o céu de agosto.

Ela me pediu que a levasse embora. Teria feito qualquer coisa para sair daquele mundo.

Sorri com respeito. Eu não podia. Não devia.

Deixei a ela só uma promessa: “Se precisar de alguma coisa, me escreva uma carta. Eu ajudo você.” Ela recusou até o dinheiro. Era uma mulher linda, mas sozinha. Uma solidão que não se vê de longe. Uma solidão que o frio não perdoa.

A volta para casa

Fomos buscar Nino. Ele estava radiante. Não queria voltar. Mas eu tinha um compromisso com a mulher dele.

Ele contou a todo mundo os seus três dias. Eu fiquei calado. Nunca compartilhei nada com o homem. Só com o papel.

E assim, enquanto Nino voltava para o seu mundo, eu já estava a caminho de outro. Outro destino. Outro encontro.

Bem-vindo.

Epílogo

O Norte não leva você: ele transforma você. E nunca

devolve você inteiro. Os homens vão ao Polo Norte em busca de luz, de silêncio, de fotografias, de sonhos. As mulheres ficam para sobreviver.

Os homens contam o que viram. As mulheres calam o que viveram.

Os homens voltam. As mulheres ficam. Ficam no frio, nas casas de neve, em silêncios que ninguém ouve. Ficam para sustentar comunidades que não as celebram. Ficam para proteger crianças, velhos, estranhos. Ficam invisíveis.

Trouxe de lá uma única lembrança: uma mulher linda, incrivelmente linda, mas sozinha. Não no sentido romântico. No sentido humano. No sentido trágico.

Reflexão

O Norte não mata o corpo. Mata a presença. E o que resta é o branco: um lugar onde as mulheres vivem e desaparecem ao mesmo tempo.

É por isso que escrevo. Porque os lugares extremos não contam a própria história. E quem os atravessa não pode se dar ao luxo de ficar calado.

Eu não. Eu não. Minha terra me deu à luz, e o resto do mundo me acolhe não como hóspede, mas como alguém da família.

Do branco absoluto do Norte, desci para a confusão absoluta dos Estados Unidos.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

A missão impossível

Trabalhar dezoito anos para uma empresa americana dá a você algo que nenhuma outra empresa no mundo consegue dar: uma cultura de trabalho, procedimentos, uma missão clara e um sistema de valores que não são teoria — são prática diária. Eles não explicam esses valores a você; eles os constroem em você. E fazem isso sem pedir a sua permissão.

Eu estava no escritório de Nova York quando me ofereceram um trabalho que eu nunca tinha imaginado. Não uma promoção. Não uma transferência. Um experimento.

Um programa confidencial, criado para validar um modelo de relações humanas dentro dos Estados Unidos. Não tinham escolhido gerentes, psicólogos nem instrutores. Tinham escolhido pessoas com um certo tipo de experiência real. E o meu nome apareceu — mesmo eu estando em vendas havia dezoito anos. Eles não olhavam o cargo: olhavam a mente.

O teste era simples de explicar e dificílimo de cumprir:

visitar os 50 estados americanos em um ano, escolhendo eu mesmo as cidades e ficando pelo menos uma semana em cada uma.

As duas últimas semanas seriam férias obrigatórias. Eles cobririam todas as despesas. Eu só tinha que viver, observar, entender e entregar um relatório toda segunda-feira. Um relato humano, seco, preciso.

Assinei o contrato. Avisei em casa. Não perguntaram nada. Só queriam saber se as provisões do mês tinham chegado. Eu estava

prestes a enfrentar um ano na América. Elas, como sempre, estavam enfrentando o mês seguinte.

Por precaução, o meu salário era depositado direto na minha conta bancária na Itália. Era um jeito educado de me dizer: “Não faça besteira. Viva com o que você tem. Vamos ver quem você é de verdade.”

Só quinze anos depois tive acesso aos meus relatórios originais, às análises e ao material que tinham reunido sobre mim. Este livro nasceu daí. Obtive a autorização para publicá-lo, com uma condição: nunca dizer o nome da empresa que o encomendou.

Não importa. Esta história não é sobre logotipos. É sobre um homem num país impossível de entender a menos que você o viva na própria pele.

Começo pelo ponto mais distante?

A escolha lógica era começar pelas margens, não pelo centro. Por dois motivos simples:

1. Eu tinha acabado de sair do experimento: lucidez alta, atenção máxima.

2. Começando pelo extremo, eu podia corrigir a rota e terminar a viagem de forma limpa.

Eu não precisava começar por Boston ou Chicago. Precisava começar por uma fronteira. Por um lugar que só era América no papel.

Escolhi Juneau, a capital do Alaska. Isolada. Alcançável só de barco ou de avião. Uma cidade que não pertence a ninguém. O lugar perfeito para começar.

Otimizar os recursos

Antes de partir, fiz aquilo que um americano respeita acima de tudo: me organizei como um profissional, não como um turista.

Liguei para três das companhias aéreas mais populares, as que têm as maiores redes domésticas. Em menos de uma hora, comprei um carnê de cinquenta voos domésticos com 60% de desconto.

Sem limite de tempo. Sem limite de dias. Sem restrições. Só uma condição: usá-los dentro de um ano.

Fiz o mesmo com as redes de hotéis, o Uber e as locadoras de carros, e depois preparei um cronograma de verdade das etapas, dos meios, mas não dos horários.

Eu estava pronto.

Foi o meu primeiro sucesso de verdade. O primeiro sinal de que eu sabia me mover. A América recompensa quem age, não quem espera.

Quando a empresa viu a transação, fez o que a cultura americana sempre faz: verificou a confiabilidade.

Eu era capaz de administrar um ano de deslocamentos constantes? Era capaz de lidar com imprevistos, distâncias e emergências? Era independente?

Por isso, antes de partir, acertei outro detalhe crucial:

Garanti um limite mensal de pelo menos 100.000 dólares no meu cartão de crédito.

Não era para ser gasto. Era para demonstrar que eu sabia administrá-lo. Os americanos pensam assim: se você não tem

autonomia, não tem liberdade. E se não tem liberdade, não pode ser avaliado.

A partir daquele momento, o programa deixou de ser uma tarefa. Virou uma missão.

E AGORA VIAJAMOS DE VERDADE

O Alaska faz parte dos Estados Unidos só pela geografia. É outro mundo.

É o lugar onde as mulheres desaparecem sem deixar rastro. Onde uma denúncia nunca chega ao destino. Onde as cidades são apenas ilhas civilizadas no meio de um continente selvagem.

Juneau foi o meu primeiro teste: uma capital sem estradas que a liguem ao resto do país. Um pedaço da América que não parece América.

Aqui comecei a entender uma coisa: a viagem não seria geográfica. Seria humana.

BLOCO 1 (Volume I)

Alabama – Alaska – Arizona – Arkansas – Califórnia – Colorado – Connecticut – Delaware – Flórida – Geórgia

BLOCO 2 (Volume II)

Havaí – Idaho – Illinois – Indiana – Iowa – Kansas – Kentucky – Louisiana – Maine – Maryland

BLOCO 3 (Volume III)

Massachusetts – Michigan – Minnesota – Mississippi – Missouri – Montana – Nebraska – Nevada – New Hampshire – Nova Jersey – Novo México

BLOCO 4 (Volume IV)

Nova York – Washington

BLOCO 5 (Volume V)

Carolina do Norte – Dakota do Norte – Ohio – Oklahoma – Oregon – Pensilvânia – Rhode Island – Carolina do Sul

BLOCO 6 (Volume VI)

Dakota do Sul – Tennessee – Texas – Utah – Vermont – Virgínia – Virgínia Ocidental – Wisconsin – Wyoming

FLÓRIDA

A Flórida é um paradoxo vivo.

É o estado que o mundo vê como destino de férias: praias, sol, parques de diversões, palmeiras, coquetéis, mar quente, Miami, Orlando, Tampa. Cores por toda parte. Uma aparência constante de felicidade.

Mas quem vive lá sabe que a Flórida também é: – pobreza crônica – aluguéis impagáveis – desigualdade profunda – turismo predatório – tempestades cíclicas – trabalho sazonal – comunidades frágeis – violência doméstica altíssima – idosos deixados à margem.

É um estado com duas caras: o cartão-postal para o turista e a realidade para as mulheres que o mantêm de pé. Na Flórida, não se fala muito da ausência das mulheres. Ela se esconde sob a areia, o mar e os sorrisos obrigatórios. Mas está lá, nítida, todos os dias.

A mulher que faz tudo prosperar desaparece por sobrecarga social, precariedade eterna, serviços insuficientes, papéis invisíveis que

fazem a economia funcionar sem reconhecimento.

É um desaparecimento operacional, não simbólico.

A cuidadora de idosos – 52 anos

A Flórida é o asilo da América. Milhões de idosos vivem aqui, muitos sem família, outros com graves problemas de saúde.

Não são as instituições que os sustentam: são as mulheres.

Ela é cuidadora, auxiliar de saúde, funcionária de casa de repouso. Muitas vezes trabalha em condições difíceis: turnos longos, salários baixos, pacientes complicados, instituições privadas que economizam em tudo e responsabilidades enormes.

Ela precisa levantar corpos, dar remédios, limpar, lavar, ouvir, acalmar, segurar.

Não tem tempo para si. Não tem dinheiro para guardar. A vida dela gira em torno da fragilidade dos outros.

A ausência dela é física: não existe um dia que seja realmente seu.

Se ela faltar, ninguém vai substituí-la. O sistema não se sustenta sem ela, mas finge que consegue.

A garçonete da zona turística – 26 anos

A Flórida vive do turismo. O turismo vive das mulheres.

Ela trabalha em restaurantes, hotéis, bares, resorts, parques de diversões, cassinos, clubes de praia. Não tem horário: tem turnos. Não tem estabilidade: tem temporadas. Não tem carreira: só sobrevive.

A vida dela é: – sorrisos obrigatórios – pedidos constantes – gorjeta que decide o mês – clientes arrogantes – gerentes que a

substituem em um minuto – trabalho emocional constante.

À noite ela se levanta tarde, cansada. Na manhã seguinte, recomeça.

A ausência dela é moral: para os turistas, ela não existe. É um serviço, não uma pessoa.

Ela vê o mar todos os dias, mas o mar não é para ela.

A mulher imigrante das áreas do interior –

31 anos

Longe das praias e das cidades modernas fica a Flórida real: campos, estufas, cidadezinhas pequenas e pobres, trabalho braçal.

A mulher imigrante – muitas vezes latino-americana ou haitiana – segura tudo aquilo que o estado não quer mostrar: – faxina de casas – agricultura – embalagem de alimentos – serviços mal pagos – babá informal – turnos noturnos em motéis. Elas têm medo das autoridades, vivem com pouco e mandam dinheiro para casa. Muitas estão sozinhas, outras com filhos pequenos para criar em bairros difíceis.

A ausência dela é econômica e linguística: ela não fala bem inglês, não sabe como pedir ajuda, não tem direitos reais. O sistema a usa. E quando não precisa mais dela, a descarta.

Ela é a mulher que mantém a Flórida limpa sem que a Flórida reconheça que ela existe.

A mulher que vive com a tempestade –

37 anos

A Flórida vive sob a ameaça constante dos furacões. Cada temporada traz ansiedade: preparação, fechamento, espera, esperança.

Quando a tempestade chega, quem protege a casa, os filhos, os documentos, o pouco que se tem? Sempre ela.

Muitas mulheres vivem em: – trailers – apartamentos velhos – áreas costeiras de risco – bairros marginais.

Cada furacão significa: evacuação, perda do trabalho, tirar a água do chão, salvar o pouco que sobra.

E, muitas vezes, fazer isso sozinha.

A ausência dela é ambiental: o Estado promete proteção, mas são elas as mais atingidas, obrigadas a desabar e a recomeçar do zero. A cada tempestade perdem algo que ninguém pode devolver: força, tempo, estabilidade mental.

Epílogo – Flórida

A Flórida vive num contraste constante: luz absoluta e escuridão absoluta. Turismo internacional e precariedade local. Riqueza visível e pobreza estrutural.

Aqui as mulheres não desaparecem da noite para o dia. Elas se consomem devagar, entre turnos, calor, furacões, clientes, idosos, filhos, empregos incertos e o custo de vida proibitivo.

A ausência das mulheres na Flórida não é um acontecimento. É um processo.

Uma subtração contínua de energia, tempo, dignidade e reconhecimento.

O sistema sobrevive graças a elas, mas se comporta como se elas não existissem.

Reflexão – Flórida

A Flórida ensina uma coisa simples: a ausência feminina pode ser colorida.

Não é preciso o frio do Alaska, a história do Alabama ou a dureza do Arizona para apagar uma mulher.

Às vezes basta: – um turista que não enxerga – um idoso que depende dela – um empregador que explora – um furacão que leva tudo embora – um salário que nunca é suficiente – um aluguel impossível – uma cultura que não reconhece o trabalho invisível. A Flórida é o lugar onde as mulheres trabalham ao sol, mas vivem na sombra.

E é por isso que ela está neste volume. Porque mostra a verdade: até o lugar mais feliz do mundo pode ser o mais cruel com quem o mantém de pé.

GEÓRGIA

A Geórgia é um estado duplo: moderno na superfície, antigo no coração.

Atlanta corre rápido: tecnologia, aeroportos, música, universidades, negócios negros, política nacional. O resto do estado, porém, continua parado: campo, indústrias alimentícias, religião, conservadorismo, pobreza estável.

É uma região que fez a história dos direitos civis, mas deixou muitas das suas mulheres para trás.

A Geórgia não apaga as mulheres com uma violência aparente. Apaga-as com o peso da tradição, com uma pobreza que não se move, com responsabilidades familiares não divididas, com um trabalho duro e mal pago que parece normal.

Aqui, as mulheres são o pilar, o motor, o centro. E justamente por isso são dadas como certas, dadas como certas, usadas, sobrecarregadas, ignoradas nas decisões.

A Geórgia é um estado que vive nos ombros das mulheres e se comporta como se esse peso fosse natural.

A mulher da indústria alimentícia – 30 anos

A Geórgia é uma das capitais da indústria de frango e de carne da América. Fábricas enormes, linhas de produção sem fim, turnos duros, ambientes frios, barulho constante.

A mulher que trabalha aqui enfrenta: – repetitividade exaustiva – cortes, esmagamentos, dor crônica – supervisão constante – pressão dos tempos de produção – contratos frágeis – salários que nunca sobem.

A indústria alimentícia nunca para: nem por doença, nem por gravidez, nem por problemas de família.

Se ela faltar, alguém a substitui em meia hora. Ninguém pergunta por quê. Ninguém olha para o que ela carrega nos ombros.

A ausência dela é industrial: reduzida a uma peça da máquina. Um número que precisa funcionar. Não uma vida que precisa ser compreendida.

A mulher das comunidades negras – 48 anos

Na Geórgia negra, a mulher é tudo: mãe, trabalhadora, guia, apoio espiritual, memória histórica.

É ela quem sustenta a família ampliada, quem trabalha dentro e fora de casa, quem sustenta os filhos e muitas vezes também os netos, quem mantém comunidades inteiras unidas quando os homens desaparecem por causa de empregos precários, doença, prisão ou depressão.

Ela tem um papel enorme, nunca reconhecido.

Em Atlanta, ela trabalha em: – escolas– saúde– escritórios– serviços públicos– transportes– assistência. No Sul rural, mais ainda: – agricultura– lojas– igrejas– cuidado de idosos– apoio informal a famílias desfeitas

A ausência dela é social: todos a usam, todos exigem dela, mas ninguém a coloca no centro das decisões.

Ela é a mulher que sustenta um povo inteiro sem nunca poder desabar.

A mulher que vive entre a fé e o controle –

44 anos

A Geórgia é um dos estados mais religiosos da América. A igreja aqui não é espiritualidade: é organização social.

Para muitas mulheres, a fé é o único espaço para respirar. Mas muitas ficam presas por essa mesma estrutura.

Papéis rígidos: – esposa devota– mãe presente– mulher respeitável– membro ativo da comunidade

Regras estritas: – não mostrar fraqueza – não “manchar” a família – não contradizer o homem em público – não se desviar dos papéis tradicionais.

Para muitas mulheres, a religião é um refúgio. Para outras, é controle.

A ausência dela é cultural: ela não pode expressar de verdade quem é, porque a comunidade lhe dá uma imagem predefinida. Ela sorri por obrigação, não por escolha.

A mulher invisível da periferia – 32 anos

Fora de Atlanta, o tempo desacelera. Cidades pequenas, serviços mínimos, escolas pobres e quase nenhum transporte.

Aqui as mulheres vivem uma vida cheia de microproblemas sem solução: – salários baixos – aluguéis em alta – escolas insuficientes – atendimento médico distante – dependências espalhadas – falta de oportunidades – trabalho braçal ou repetitivo.

Elas trabalham em supermercados, redes de fast-food, armazéns, serviços de limpeza e lojas locais. Todo mês é uma batalha financeira. Todo ano parece igual.

A ausência dela é territorial: ela vive num lugar que não muda e que não a deixa mudar.

Ela não está presa por uma porta fechada, mas por uma geografia inteira imóvel.

Epílogo – Geórgia

A Geórgia é um estado que exige que você saiba para onde olhar. Se você olha para Atlanta, acha que vê a modernidade. Se olha

para o Sul rural, vê uma história antiga. Se olha para as indústrias, vê a parte mais dura da economia. Se olha para as comunidades, vê o sofrimento disfarçado de normalidade.

Aqui as mulheres não desaparecem de repente. Elas se desgastam devagar sob: – tradições rígidas – trabalho pesado – papéis impostos – pobreza silenciosa – responsabilidades enormes – comunidades que pedem muito e dão pouco.

A ausência das mulheres na Geórgia não é um vazio. É um fardo.

Um fardo que as mulheres carregam sem nunca reclamar, porque ninguém ao redor delas as acostumou a ser ouvidas.

Reflexão – Geórgia

A Geórgia mostra uma verdade dura: existem estados onde as mulheres não são apagadas pelo trauma, mas pelo hábito.

É normal que ela aguente. É normal que ela faça mais. É normal que ela esteja em toda parte. É normal que ela não desabe. É normal que ela sorria mesmo quando está cansada.

E quando algo se torna "normal", deixa de ser visto.

A Geórgia ensina que a ausência pode ser construída pela própria tradição: não é necessária a violência explícita, basta um papel social imposto por décadas.

As mulheres daqui não pedem visibilidade. Pedem apenas não ser consumidas pelo sistema que sustentam.

E isso basta para colocá-la no coração do volume.

HAVAÍ

O Havaí é o engano mais elegante dos Estados Unidos.

Para o mundo, é o paraíso: praias, água turquesa, surfe, clima perfeito, cartões-postais, turismo de catálogo. Cores por toda parte, calma aparente, natureza espetacular.

Mas o Havaí real é bem diferente: – custo de vida extremamente proibitivo – salários baixos – propriedade da terra concentrada – turismo que devora recursos – comunidades locais marginalizadas – identidade apagada ou vendida – pobreza escondida atrás de paisagens perfeitas.

Aqui as mulheres não desaparecem por causa de uma violência evidente. Desaparecem porque vivem numa terra que vende uma imagem ao mundo e esconde outra de quem vive dentro dela.

A ausência delas é dupla: – invisível nos números do turismo – invisível na narrativa cultural americana.

O Havaí não apaga as mulheres com um único golpe. Apaga-as com a lentidão. Com a economia. Com o turismo que não deixa espaço. Com identidades roubadas.

A mulher da hotelaria – 34 anos

O Havaí vive do turismo. Recepcionistas, garçonetes, camareiras, serviço de quarto, spas e atividades turísticas. Aqui, as mulheres são o coração desse sistema.

Ela trabalha em ambientes que parecem perfeitos, mas na prática são: – ritmo acelerado – salários baixos – exigências constantes – horários impossíveis – gerentes que exigem sorrisos obrigatórios – clientes que muitas vezes a tratam como “parte do pacote”.

Ela vive com dois problemas permanentes:

1. aluguéis inaceitáveis (muitas dividem a casa com 3 ou 4 pessoas)

2. um custo de vida fora de qualquer medida (tudo custa o dobro do

que no continente)

O paraíso natural está ao redor dela, mas sua vida é uma corrida diária contra as despesas.

Sua ausência é econômica: ela trabalha em um paraíso que não pode pagar.

A mulher nativa havaiana – 29 anos

A mulher nativa é o coração do Havaí e a figura mais desfavorecida.

A história é clara: colonização, perda do território, imposições culturais, turismo invasivo. Sua vida é um equilíbrio entre tradição, família, trabalho e resistência cultural.

Ela trabalha muitas vezes em setores essenciais: – escolas – saúde – assistência comunitária – programas sociais – agricultura tradicional – iniciativas culturais.

Ela tem um papel enorme e, no entanto, não é reconhecida. Sua cultura é vendida ao mundo como folclore: danças, música e símbolos transformados em entretenimento turístico.

Sua ausência é cultural: sua identidade é exibida, mas não respeitada.

Ela está presente em toda parte como imagem, ausente em toda parte como voz.

A mulher que sustenta as famílias

multigeracionais – 46 anos No Havaí, há muitas famílias multigeracionais: não por tradição, mas por necessidade econômica.

Três gerações na mesma casa, muitas vezes pequena: avós, pais, filhos, irmãos.

Aqui, a mulher é a espinha dorsal da estrutura: – ela trabalha – ela cozinha – ela cuida dos filhos – ela assiste os idosos – ela faz a ponte entre línguas diferentes – ela cuida das contas – ela enfrenta os problemas sem ajuda.

Ela tem pouquíssimo tempo livre. Quase nenhum espaço pessoal. Um peso emocional enorme.

Sua ausência é doméstica: todos dependem dela, mas ninguém a vê como ela realmente é.

A família é sua força e sua jaula.

A mulher que vive entre o isolamento e a natureza – 32

anos

Fora de Honolulu e dos resorts existe um arquipélago diverso: ilhas remotas, pequenos vilarejos, comunidades isoladas.

Aqui, o trabalho é: – agricultura – pesca – manutenção – pequenos serviços – escolas essenciais – cuidado comunitário.

A mulher leva uma vida que, vista da América continental, parece simples. É dura: transporte limitado, serviços de saúde distantes, oportunidades quase nulas, dependências generalizadas, preços altíssimos e um isolamento mental que é normal.

Sua ausência é geográfica: ela vive fora dos mapas do poder e do imaginário nacional.

A natureza é beleza e solidão.

Epílogo – Havaí

O Havaí é um lugar onde tudo é duplo: beleza e labuta, riqueza e pobreza, imagem e realidade, turismo e desenraizamento.

Aqui, as mulheres não são apagadas pelo drama, mas pela economia. Pela história. Pelo turismo invasor. Pelo custo de vida esmagador. Pela narrativa perfeita que mostra tudo, menos elas.

A ausência das mulheres no Havaí é causada por: – identidade roubada – trabalho mal pago – cultura vendida – famílias pesadas – nenhum espaço pessoal – futuro incerto.

O Havaí parece leve. Não é.

Reflexão – Havaí

Cada estado mostra uma face diferente da ausência. No Havaí, a ausência tem a cor do mar, a forma da areia, a voz da tradição explorada.

Aqui, a mulher é visível como imagem e invisível como pessoa. É usada no marketing turístico, no folclore vendido aos visitantes, nas fotos perfeitas dos resorts.

Mas sua vida real é: – cara – cansativa – cheia de responsabilidades – cheia de concessões – quase sem crescimento social.

O Havaí ensina que até o paraíso pode ser construído sobre as ausências de quem o habita.

E é por isso que este estado está no livro: não como lugar de sonho, mas como prova de que o mundo olha a superfície e ignora quem mantém a realidade de pé.

IDAHO

Idaho é um estado que vive na sombra. Não faz barulho, não chama atenção e quase nunca é assunto para o resto da América.

É montanhas, agricultura, batatas, pecuária, frio, distâncias, silêncio. É uma terra rica em natureza e pobre em oportunidades. Um estado onde o tempo passa devagar, e a vida das mulheres, mais devagar ainda.

Idaho não apaga as mulheres com uma violência espetacular. Apaga-as com a solidão, a religião rígida, a falta de serviços, a distância geográfica, a pobreza dispersa e uma cultura que dá por certo que são as mulheres que seguram tudo. Aqui, a ausência das mulheres é um produto da geografia: os espaços são enormes, os recursos são poucos, as comunidades são fechadas.

A mulher da agricultura – 36 anos

Idaho vive da agricultura e da pecuária. As mulheres sempre fizeram parte da cadeia produtiva. Não são chamadas de “ajuda”, mas porque sem elas nada funciona.

Ela trabalha nos campos, nos estábulos, cuida da casa e dos filhos, muitas vezes sem separar o trabalho da vida privada.

Acordar antes do amanhecer, animais, água gelada, limpeza, colheita, refeições preparadas para todos. Nenhum dia de folga. Nenhum salário separado. É tudo “família”.

Sua ausência é econômica: ela trabalha como um homem, mas oficialmente “ela não trabalha”.

Ela não aparece em salários, documentos nem estatísticas. Existe apenas no esforço.

A mulher das igrejas conservadoras – 42 anos

de idade

Idaho tem uma presença religiosa forte, muitas vezes conservadora. Aqui, as mulheres devem encarnar modelos precisos: mãe, esposa, figura devota, silenciosa, respeitável, sempre disponível.

A comunidade observa. Julga. Corrige.

Ela não pode se dar ao luxo de sair do seu papel: qualquer desvio é uma mancha na família. Sua ausência é cultural: ela não desaparece fisicamente; desaparece dentro do papel que lhe foi atribuído.

Ela está presente em toda parte, mas não pode se expressar.

A mulher dos trabalhos invisíveis – 30 anos

Fora das terras agrícolas e das igrejas ficam as cidades pequenas: Nampa, Idaho Falls, Pocatello.

Aqui, a mulher trabalha como: – caixa – faxineira – operadora de call center – vendedora – funcionária de fast-food – auxiliar escolar.

Trabalhos que sustentam comunidades inteiras, mas não constroem carreiras, não permitem crescer nem garantem segurança.

Sua ausência é social: sua vida não é considerada “importante” pela política, não entra nos programas de desenvolvimento, não aparece no discurso público.

Ela é a mulher que mantém à tona o Idaho “normal”, aquela de quem ninguém fala.

A mulher que vive na distância – 51 anos

Em Idaho, casas e comunidades ficam a horas umas das outras. Estradas longas, hospitais distantes, poucas escolas e poucas lojas.

A mulher que vive aqui enfrenta: – isolamento mental – invernos rigorosos – serviços de saúde distantes – tempos de socorro intermináveis – vida inteiramente doméstica – dependências generalizadas – pobreza oculta. Se acontece uma emergência, ela está sozinha. Se tem um problema, ela espera. Se está cansada, ninguém vê.

Sua ausência é geográfica: ela desaparece na distância. Existe, mas fora do mapa.

Epílogo – Idaho

Idaho é um estado de bosques, montanhas e silêncio. E no silêncio as mulheres se perdem com mais facilidade.

Sua ausência não é um escândalo, não é notícia, não é um número. É um vazio diário criado por: – papéis rígidos – vida rural pesada – geografia difícil – economia fraca – religião que impõe e não escuta.

Idaho não fere com barulho. Fere com indiferença.

Reflexão – Idaho

Cada estado tem uma forma de ausência. Em Idaho, a ausência tem a forma da distância.

Aqui, a mulher não é empurrada para fora do sistema: o sistema nem sequer a vê.

Ela é invisível porque vive onde nada chega: nem informação, nem saúde, nem política, nem oportunidades.

Idaho mostra que não é preciso uma tragédia para apagar a presença das mulheres. Basta uma terra que anda mais devagar do que a vida.

E é por isso que este estado está no volume: porque sua ausência não faz barulho, mas pesa como uma montanha.

ILLINOIS

Illinois é um estado de contrastes extremos. Chicago é uma metrópole imensa, o coração industrial e financeiro do Meio-Oeste. Um gigante cultural, violento, criativo e fragmentado. O resto do estado é outra história: campo, cidades pequenas, agricultura, pobreza oculta e uma mentalidade conservadora.

É um território duplo: metrópole e campo, modernidade e declínio, oportunidade e fracasso, universidades e bairros abandonados.

Em Illinois, as mulheres não desaparecem por um só motivo. Desaparecem porque precisam equilibrar mundos diferentes demais, sistemas quebrados demais, exigências diárias demais que nunca acabam.

Sua ausência é urbana, rural, econômica e social. Depende de onde ela vive, mas o efeito é o mesmo: ela carrega um peso, não um reconhecimento.

A mulher dos bairros difíceis de Chicago –

32 anos Chicago tem duas cidades em uma: a que aparece nos filmes e a que ninguém quer olhar.

Ela vive na segunda. Bairros onde: – a violência é normal – as escolas são fracas – as lojas fecham – a saúde é cara demais – o governo não chega – a polícia chega tarde ou chega mal.

Ela trabalha onde pode: restaurantes de fast-food, supermercados, faxina, creches mal pagas, assistência mínima. Seu problema não é um só: são dez ao mesmo tempo. Filhos para proteger, aluguel para pagar, transporte lento, horários impossíveis, um ambiente hostil.

Sua ausência é urbana: ela vive em uma cidade famosa no mundo inteiro que nunca olha para ela.

A mulher dos hospitais e das clínicas – 44 anos

Illinois tem algumas das estruturas médicas mais importantes do país. Por trás desses nomes imponentes há milhares de mulheres: enfermeiras, técnicas, operadoras, cuidadoras e pessoal de apoio.

São elas que mantêm de pé: – os prontos-socorros – as alas sobrecarregadas – os pacientes frágeis – os plantões noturnos – as emergências constantes.

É um trabalho que não dá trégua, que desgasta física e mentalmente.

Sua ausência é operacional: se ela para, o sistema inteiro desaba, mas sua voz não pesa tanto quanto seu trabalho.

Ela é a mulher que cuida de todos sem que ninguém cuide dela.

A mulher rural – 50 anos

Fora de Chicago e longe das universidades existe um Illinois rural que poucos conhecem: campos imensos, estradas vazias, escolas pequenas, hospitais distantes.

Aqui, as mulheres vivem uma realidade difícil: – agricultura sazonal – vida doméstica total – comunidades fechadas – poucos serviços – dependências generalizadas entre os homens – isolamento mental. Ela não tem oportunidades. Não tem alternativas. Não tem uma rede de apoio.

Sua ausência é territorial: ela desaparece na distância, não porque não valha nada, mas porque vive onde o mundo não consegue chegar.

A mulher latina dos serviços – 29 anos

Illinois tem uma comunidade latina enorme, sobretudo em Chicago e nos seus subúrbios industriais.

As mulheres imigrantes são o pilar invisível de setores inteiros: – alimentação – limpeza – cuidado de idosos – hotéis – pequenas fábricas – babá – distribuição.

Ela trabalha duro. Ganha pouco. Tem dois empregos. Fala inglês como pode. Cria os filhos sozinha, ou quase sozinha.

Ela é a mulher que permite aos outros viver com conforto sem nunca ter o mesmo espaço.

Sua ausência é econômica e linguística: ela não tem voz, nem proteção, nem tempo para reclamar.

Epílogo – Illinois

Illinois é um estado complexo e pesado. Não há uma só ausência feminina. Há pelo menos quatro, todas diferentes, todas reais:

– urbana – sanitária – rural – migrante

O cenário muda, mas o resultado não: as mulheres fazem tudo o que o Estado deixou de fazer.

E enquanto segura, ela desaparece. Illinois não apaga as mulheres porque as ignora. Apaga-as porque as dá por certas.

Reflexão – Illinois

Cada estado demonstra uma verdade. Illinois demonstra esta:

Mesmo quando uma mulher está em toda parte, ela pode estar ausente de tudo o que importa.

Ela está nos plantões dos hospitais, nos bairros pobres, nos campos isolados, nos trabalhos invisíveis da economia latina.

Está presente em cada função essencial, mas excluída de cada mesa onde se decide o futuro do Estado.

A ausência das mulheres em Illinois é proporcional à sua contribuição: quanto mais elas resistem, menos são vistas.

E é justamente essa equação falha que torna este capítulo necessário.

INDIANA

Indiana é um estado que vive de hábitos, não de mudanças. É a América do meio, aquela que não vira notícia, que não exige nada, que segue o seu dia como se tudo fosse continuar igual.

É uma terra de: – cristianismo conservador – agricultura – cidades pequenas – indústrias mecânicas – rodovias sem fim – um ritmo lento que não perdoa o cansaço. Não é um estado que explode. É um estado que consome. Dia após dia.

Aqui, as mulheres não desaparecem por causa de traumas evidentes. Desaparecem porque precisam enfrentar uma estrutura que não foi pensada para elas: família, trabalho, religião, papéis rígidos, comunidades pequenas, expectativas pesadas.

Em Indiana, a ausência feminina é normal.

Socialmente aceita. Como se fosse natural que as mulheres fossem de segunda categoria.

A mulher da fábrica – 33 anos

Indiana é cheia de fábricas: carros, motores, componentes, máquinas. Linhas de produção longas, repetitivas, barulhentas.

Aqui, a mulher trabalha em: – montagem – inspeções – linhas de montagem – controle de qualidade – armazéns industriais.

Ritmo duro, turnos cansativos, um corpo que se desgasta.

Os salários são suficientes, mas não libertam. A vida continua a mesma: casa → fábrica → casa.

Sua ausência é física: o trabalho a consome antes dos quarenta anos. Dor, costas, braços, joelhos. Um corpo que traz a assinatura do sistema de produção.

Ela é a mulher que produz o motor da América sem poder pagar pelo que constrói.

A mulher das igrejas evangélicas – 45 anos

de idade

Indiana é um dos estados mais religiosos do Meio-Oeste. As igrejas evangélicas estão por toda parte, com comunidades muito unidas e papéis bem definidos.

Aqui, as mulheres vivem dentro de um perímetro preciso: – esposa – mãe – educadora – presença devota – figura moral da família.

O problema não é a fé. O problema é o controle social que a cerca.

Se ela se separa, é julgada. Se muda de vida, é isolada. Se não segue as regras, vira um mau exemplo.

Sua ausência é cultural: ela não pode se mostrar como é, só como deveria ser.

Está presente em toda parte, mas sempre como um papel imposto.

A mulher rural – 51 anos

Fora das cidades pequenas e das fábricas fica a Indiana rural: campos imensos, casas espalhadas, comunidades pequenas, longos silêncios.

Aqui, as mulheres vivem sem apoio: – poucos médicos – nenhum transporte – lojas distantes – escolas com recursos mínimos – trabalho agrícola sazonal – responsabilidades domésticas totais.

Ela não tem margem. Não tem rede de proteção. Não tem alternativas. Sua ausência é geográfica: ela vive longe demais de

tudo, e ninguém constrói serviços para chegar até ela.

É uma América lenta, esquecida, e ela está presa ali.

A mulher dos serviços mínimos – 29 anos

Nas cidades de Indiana – Fort Wayne, Evansville, South Bend – as mulheres sustentam o trabalho que ninguém quer ver:

– caixa mal paga – faxineira – garçonete em redes de fast-food – cuidadora de idosos – funcionária de loja de conveniência – babá informal

Ela trabalha muito, ganha pouco e vive sempre no mês seguinte.

Seu problema não é só financeiro. É mental: ela não vê futuro. Não vê crescimento. Não vê nenhuma possibilidade de melhorar.

Sua ausência é social: ela é essencial para o dia a dia de todos e, ao mesmo tempo, é tratada como substituível em um minuto.

Epílogo – Indiana

Indiana é um estado parado. E nos tempos parados as mulheres se perdem mais depressa.

Aqui não há grandes revoluções, não há grandes reformas, não há impulso para a mudança.

A mulher sustenta: a família, o trabalho, a comunidade, a religião.

E enquanto segura, ela desaparece. Sua ausência é feita de normalidade: não é notícia, não é escândalo, não é emergência.

É uma subtração lenta e contínua.

Reflexão – Indiana

Cada estado tem uma forma de ausência. Em Indiana, é a forma da rotina.

Aqui, a mulher chega a viver com a invisibilidade por causa de três forças: – a tradição – o trabalho que não se vê – comunidades que julgam em vez de escutar.

A normalidade vira uma jaula. O papel vira identidade. O esforço vira dever.

Indiana ensina que a ausência feminina pode ser construída sem maldade: basta que ninguém pergunte nunca como uma mulher realmente está.

E é por isso que este estado está no livro: porque não é preciso uma tragédia para apagar uma pessoa. O cotidiano basta.

IOWA

Iowa é o coração agrícola da América. Extensões sem fim de milho, soja, fazendas, silos, estradas retas, casas distantes. Visto de fora, parece um estado simples: trabalho, família, silêncio. Mas quem vive lá sabe que a simplicidade é uma máscara. Por trás dela há uma complexidade que ninguém explica.

Iowa não é nem moderno nem atrasado: é parado. Uma imobilidade sólida, agrícola, conservadora, prática. Um estado onde o ciclo da terra decide tudo, e as mulheres precisam se adaptar a um ritmo que não leva em conta a vida delas.

Aqui, as mulheres não desaparecem por acontecimentos dramáticos. Desaparecem pelo cansaço constante, pelos papéis que não mudam, pela falta de alternativas, por uma terra vasta e vazia que devora o tempo, a energia e a identidade delas.

A ausência das mulheres em Iowa é agrícola, doméstica e mental. É um desaparecimento lento que ninguém vê, porque parece "normal".

A mulher da fazenda – 37 anos

Ela não "ajuda" na fazenda. Ela está sempre trabalhando.

Acorda antes do amanhecer, recolhe os animais, prepara as ferramentas, cuida das plantações, limpa, cozinha, organiza, dirige, conserta. É um ciclo sem fim: estação após estação, ano após ano.

Ela não tem salário. Não tem horário de trabalho. Não tem proteção.

O trabalho é considerado "família" e, por isso, desaparece dos números, das contas e do reconhecimento.

Sua ausência é econômica: ela faz 50% do trabalho, mas não aparece em lugar nenhum.

É essencial, mas não existe nos documentos.

A mulher que vive entre a religião e a

comunidade – 45 anos Nas cidades pequenas de Iowa, as igrejas têm mais influência do que o governo. Decidem papéis, comportamentos e limites. E, para as mulheres, o roteiro é sempre o mesmo:

– mãe – esposa – figura respeitável – envolvida na comunidade – nunca fora da linha

Ela não pode se separar sem estigma. Não pode mudar de vida sem críticas. Não pode se mostrar frágil sem uma "intervenção" da comunidade.

Sua ausência é cultural: sua identidade não é dela, é da comunidade.

Ela vive dentro de um papel, não dentro de si mesma.

A mulher do trabalho mínimo – 31 anos

Nas cidades médias – Des Moines, Cedar Rapids, Davenport – as mulheres ocupam os empregos que sustentam o estado inteiro:

– caixa – faxineira – garçonete – funcionárias de fast-food – pessoal de casas de repouso – babás – cuidadoras de idosos mal pagas

Turnos longos, salários baixos, mobilidade zero.

Sua vida é uma soma de pequenos esforços: horários apertados, filhos, despesas, gasolina, aluguéis subindo, salários que nunca mudam. Sua ausência é social: sem ela tudo para, mas ninguém a considera uma figura-chave da economia.

É substituível, mesmo que na verdade não seja substituível.

A mulher que vive na distância – 52 anos

Iowa é enorme. Há casas a 30, 40 ou 50 minutos de um supermercado. Uma clínica pode ficar a uma hora de carro. As escolas são raras. O transporte praticamente não existe.

A mulher que vive aqui enfrenta: – invernos rigorosos – emergências sem ajuda – doenças cuidadas por conta própria – isolamento mental – responsabilidade total pela casa e pelos filhos – falta de estímulos, de redes, de comunidades por perto.

Se algo acontece, não há ninguém por horas. Se ela desaba emocionalmente, não tem a quem contar. Se tem um problema, resolve como pode.

Sua ausência é geográfica: ela desaparece na distância. Uma distância que o mundo não vê, porque não a vive.

Epílogo – Iowa

Iowa é um estado que vive de trabalho silencioso. A terra não faz barulho. E as mulheres que a sustentam também não.

A ausência delas é diária: não chama atenção, não é visível, não é denunciada. Elas sustentam a família, a fazenda, o trabalho e a comunidade. E enquanto se sustentam, desaparecem nos deveres.

Iowa não apaga as mulheres. Simplesmente não olha para elas.

Reflexão – Iowa

Cada estado revela um lado da ausência. Em Iowa, a ausência tem a forma de uma normalidade pesada.

É a ideia de que "sempre foi assim", de que as mulheres devem sustentar, não exigir, de que o esforço delas é natural, de que a voz delas importa menos do que a terra, a família, o ritmo agrícola.

Iowa ensina que a ausência feminina não precisa de violência. Basta uma tradição que ninguém questiona.

E é por isso que faz parte do livro: para mostrar a América que não muda e as mulheres que pagam o preço da sua imobilidade.

KANSAS

Kansas é um espaço vasto e vazio. Campos, vento, estradas retas, horizontes eternos. Para muitos, é só uma passagem entre estados mais importantes. Para quem vive lá, é uma geografia que molda a vida: isolamento, tradição, trabalho agrícola, comunidades pequenas que mudam devagar, quando mudam.

Kansas não mata as mulheres com uma violência aparente. Mata-as com a repetição, a solidão, a falta de alternativas, uma cultura que não se move um centímetro.

É um estado onde tudo pesa: a estrada, a distância, a religião, o trabalho agrícola, o julgamento da comunidade.

Aqui, a mulher não desaparece por um fato. Desaparece por um ritmo. Um ritmo que nunca a coloca no centro.

A mulher das grandes fazendas – 38 anos

Kansas vive da agricultura industrial. Máquinas enormes, colheitas intensivas e um trabalho que nunca acaba.

Aqui, as mulheres são parte essencial da cadeia produtiva: – dirigem veículos – cuidam dos animais – administram as contas da família – organizam as refeições de todos – controlam prazos, sementes, colheitas – fazem a manutenção – cuidam da casa e dos filhos.

Ela trabalha tanto quanto um homem, muitas vezes mais. Mas oficialmente é “dona de casa”.

Sua ausência é econômica: ela produz valor, mas não aparece nas rendas, nos documentos nem nas estatísticas.

É uma coluna sem reconhecimento.

A mulher das comunidades pequenas – 47 anos

As cidades pequenas do Kansas funcionam como organismos fechados. Todos se conhecem. Todos comentam sobre todos. Todos julgam todos. As mulheres vivem papéis rígidos: – mãe – esposa – figura devota – presença constante na igreja – apoio da comunidade – envolvimento nas escolas locais.

Ela não pode mudar de vida sem ser observada. Não pode desmoronar sem ser rotulada. Não pode se reinventar sem ser julgada.

Sua ausência é cultural: ela não pertence a si mesma; pertence à comunidade.

Não é livre: é funcional.

A mulher que trabalha nos serviços mínimos – 33 anos

de idade

Nas cidades médias – Wichita, Topeka, Overland Park – as mulheres fazem o trabalho básico da sociedade:

– caixa – faxineira – funcionária de mercearia – garçonete – trabalhadora de casa de repouso – auxiliar escolar

Ela trabalha duro, ganha pouco. Não tem crescimento, nem carreira, nem ferramentas.

Sua vida é feita de: turnos instáveis, filhos para cuidar, serviços públicos precários e um aluguel que come metade do salário.

Sua ausência é social: ela faz tudo, mas para o Estado não é uma prioridade.

É substituível. E isso a apaga.

A mulher que vive na distância – 53 anos

Kansas é vasto. Casas espalhadas, estradas sem fim, cidades separadas por dezenas de quilômetros.

A mulher que vive aqui enfrenta uma solidão total: – hospitais distantes – escolas raras – transporte precário – poucos vizinhos – quase nenhum apoio social.

O inverno é longo. O verão é duro. E tudo — cada problema — cai sobre ela.

Se o carro quebra, ela espera. Se precisa de um médico, dirige por horas. Se desaba emocionalmente, não tem uma rede.

Sua ausência é geográfica: ela desaparece em um território que não foi construído para protegê-la, mas apenas para ser atravessado.

Epílogo – Kansas

Kansas é um estado simples. Mas sua simplicidade engana. Por trás do silêncio, dos campos, do vento e das ruas vazias há uma luta constante que ninguém vê.

Aqui, as mulheres sustentam tudo o que mantém o estado à tona: terra, casa, família, comunidade, trabalho.

E enquanto segura, ela desaparece.

Sua ausência é feita de: – papéis rígidos – isolamento – trabalho agrícola sem nome – serviços mínimos – distância mental e física. Kansas não apaga as mulheres com traumas. Apaga-as com o hábito.

Reflexão – Kansas

Cada estado revela uma forma de ausência. Kansas revela a mais silenciosa de todas: a construída pela geografia e pela tradição.

Aqui, uma mulher pode viver a vida inteira dentro de um papel, dentro de uma distância, dentro de um trabalho não reconhecido, sem nunca ter tempo nem espaço para pensar em quem ela realmente é.

Kansas ensina que a ausência das mulheres não precisa de violência nem de pobreza extremas. Basta uma terra que não muda e uma cultura que não escuta.

E é por isso que este estado está aqui: para mostrar como a América rural sobrecarrega as mulheres sem nunca admitir isso.

Ferdinando Frega